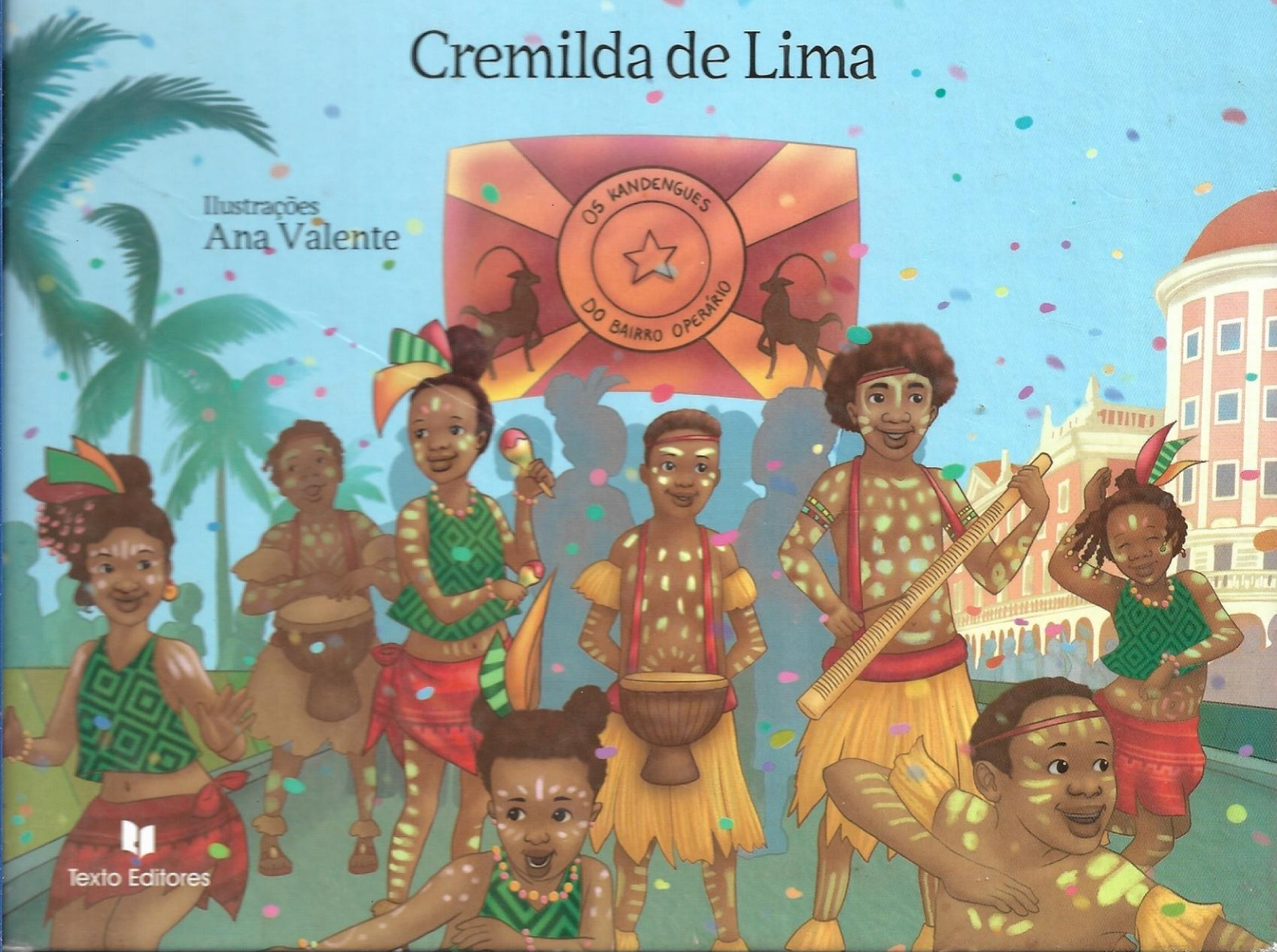




Os Kandengues Desfilam no Carnaval

Cremilda de Lima

Ilustrações
Ana Valente





Título: *Os Kandengues Desfilam no Carnaval*
Autora: Cremilda de Lima
Editor: Texto Editores, Angola
Capa: Fernanda Rocha
Ilustrações: Ana Valente
Pré-impressão: LeYa, S.A.
Impressão e acabamentos: Eigal

Morada
Talatona Park, Rua 9 – Fracção A12
Talatona, Samba
Luanda • ANGOLA
Telefone: (+244) 924 068 760
Fax: (+244) 222 016 842
E-mail: info@textoeditores.ao

© 2014

Texto Editores, Angola, Lda. – Angola

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, *offset*, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, os desenhos e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código de Direitos de Autor e dos Direitos Conexos.

Luanda, 2015 • 1.ª edição • 1.ª tiragem • 2000 exemplares
Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 6873/2014

Os Kandengues
Desfilam no Carnaval
Cremilda de Lima



Texto Editores

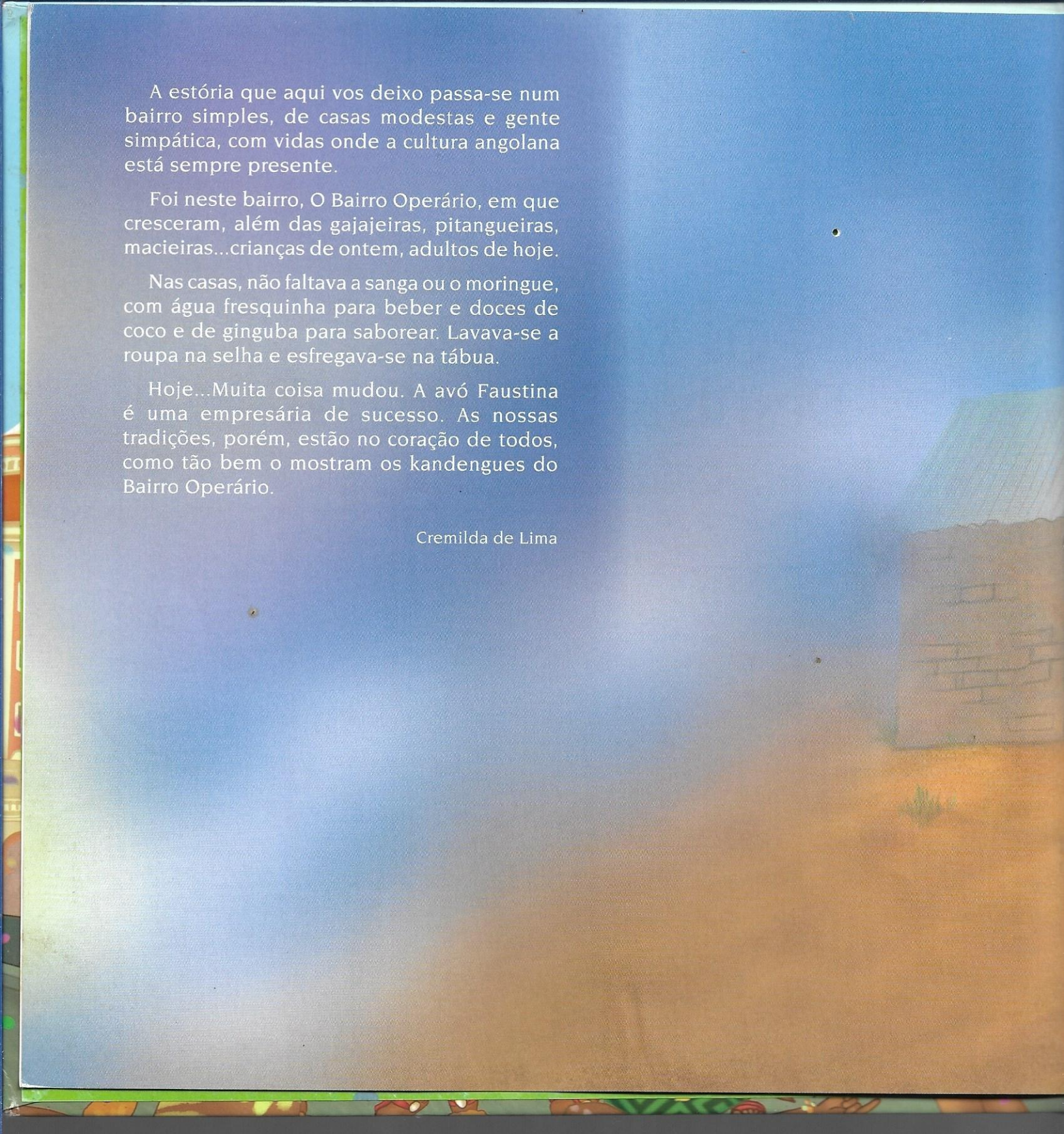
A estória que aqui vos deixo passa-se num bairro simples, de casas modestas e gente simpática, com vidas onde a cultura angolana está sempre presente.

Foi neste bairro, O Bairro Operário, em que cresceram, além das gajadeiras, pitangueiras, macieiras...crianças de ontem, adultos de hoje.

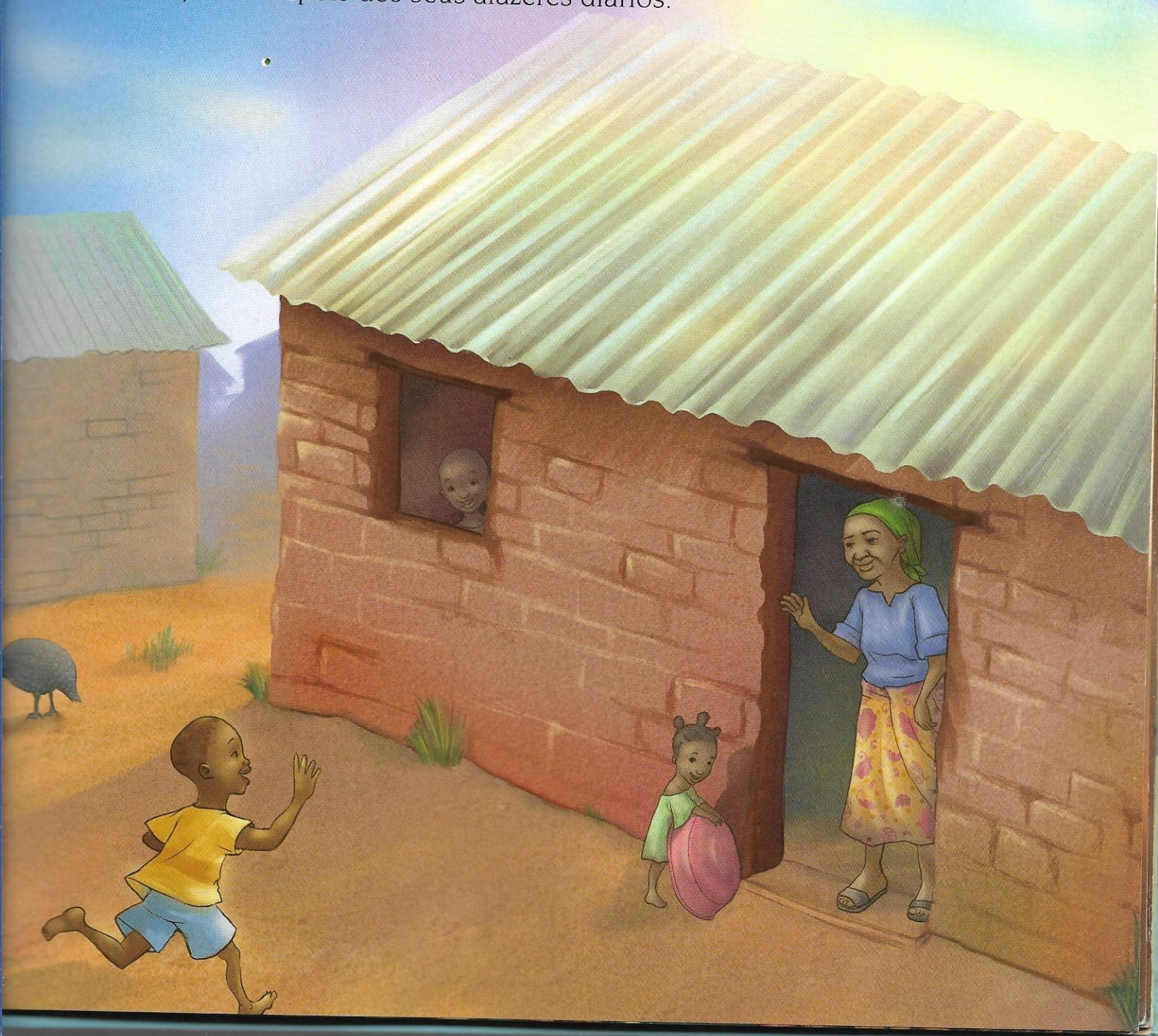
Nas casas, não faltava a sanga ou o moringue, com água fresquinha para beber e doces de coco e de ginguba para saborear. Lavava-se a roupa na selha e esfregava-se na tábua.

Hoje...Muita coisa mudou. A avó Faustina é uma empresária de sucesso. As nossas tradições, porém, estão no coração de todos, como tão bem o mostram os kandengues do Bairro Operário.

Cremilda de Lima



Wagiza vivia no Bairro Operário com a sua avó Faustina, os seus tios Jacinto e Nguevinha, os primos Ngueza e Kassessa e outros familiares, que quase sempre estavam juntos depois dos seus afazeres diários.





Tio Jacinto era uma pessoa muito popular, por isso a casa estava sempre cheia de gente. Em épocas de festa, como no Carnaval, quase nem se podia andar.

E depois, quem é que bebia kissângua feita pela avó Faustina, sem voltar a saboreá-la? Era uma grande empreendedora, esta cota do Bairro Operário. Até para festas e grandes farras de quintal era ela quem fornecia a kissângua.

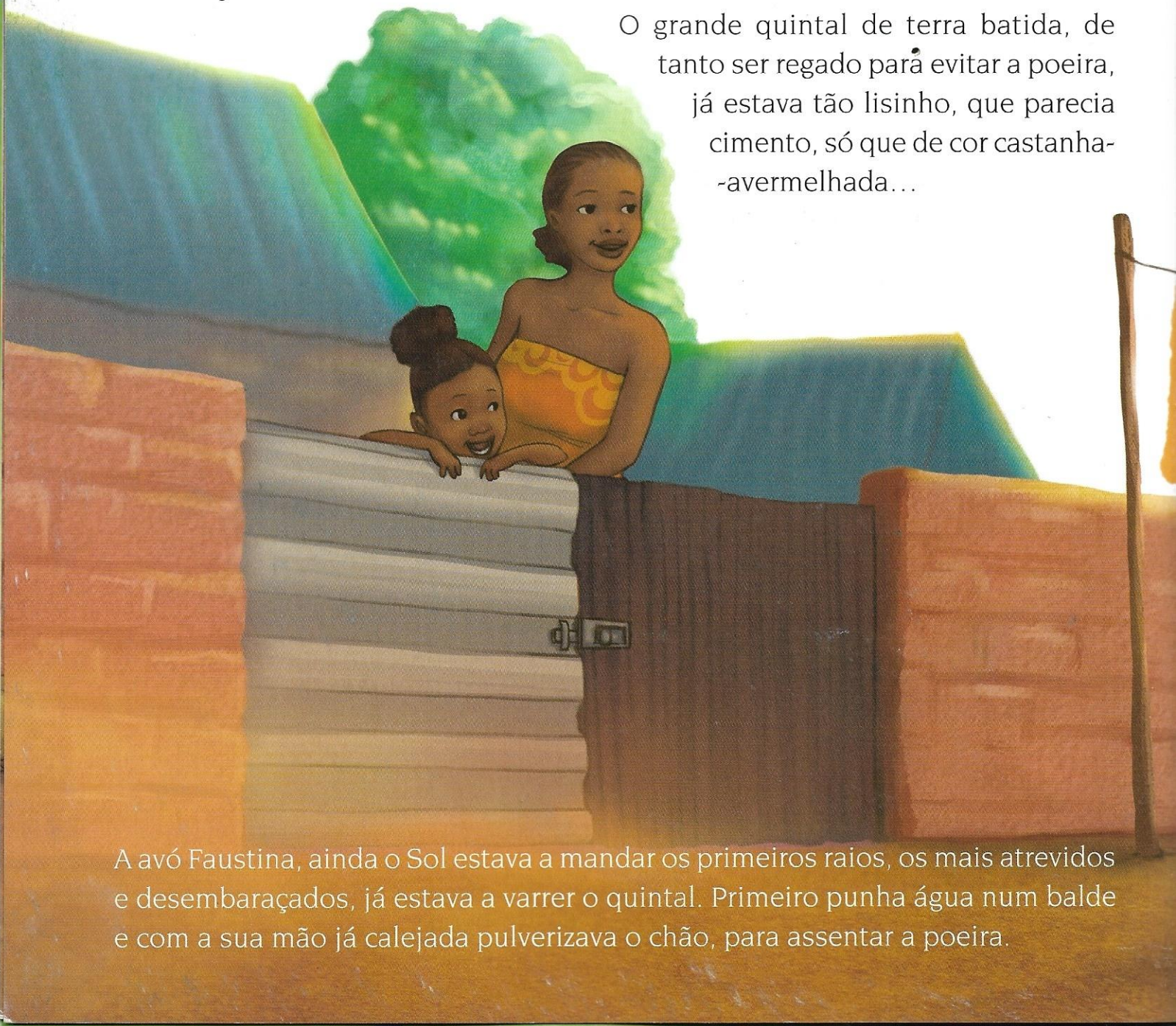
Alguns empresários do bairro com mais kumbu (dinheiro) já estavam a fazer um plano para a ajudar a contactar uma empresa para vender para as lojas, supermercados e outros espaços comerciais a saborosa bebida já empacotada. Para os mais pequenos, os doces de coco e de ginguba, a paracuca, os mikondos, queijadas, pé d'ê moleque, quitaba, farinha com açúcar... Enfim, os quitutes da terra não faltavam.

Era a casa mais conhecida e frequentada do Bairro Operário.



Nesse bairro, as casas eram quase todas feitas de adobe. Eram pequenas e modestas. Aquela tinha uma sala à entrada a separar os dois quartos, um do lado esquerdo e o outro do lado direito.

O grande quintal de terra batida, de tanto ser regado para evitar a poeira, já estava tão lisinho, que parecia cimento, só que de cor castanha-avermelhada...



A avó Faustina, ainda o Sol estava a mandar os primeiros raios, os mais atrevidos e desembaraçados, já estava a varrer o quintal. Primeiro punha água num balde e com a sua mão já calejada pulverizava o chão, para assentar a poeira.

Era assim todos os dias. Mesmo que alguém lhe dissesse:
– Ó avó, deixa-te disso... mal podes segurar os panos!...
E a avó Faustina, que era bem desembaraçada, apesar da idade avançada, respondia logo, ora falando em kimbundu, ora em português, ou então nas duas línguas:
– Ngyambule (deixa-me). Ainda não morri. Vocês, jovens, pensam que nós já não conseguimos nem segurar na vassoura de musse para varrer o quintal!... Velhos são os trapos! Ainda me sinto com muita força, até mesmo para dançar uma boa Kizomba no Carnaval...





De repente, lembrou-se que lhe estava a faltar qualquer coisa...
Foi buscar a cola e o gengibre e foi mastigando... mastigando
lentamente até conseguir um certo aconchego no mucuto (corpo).
Não deixou de beber o seu cálice de vinho abafado. Aconchegou bem os
panos e foi varrendo... varrendo...



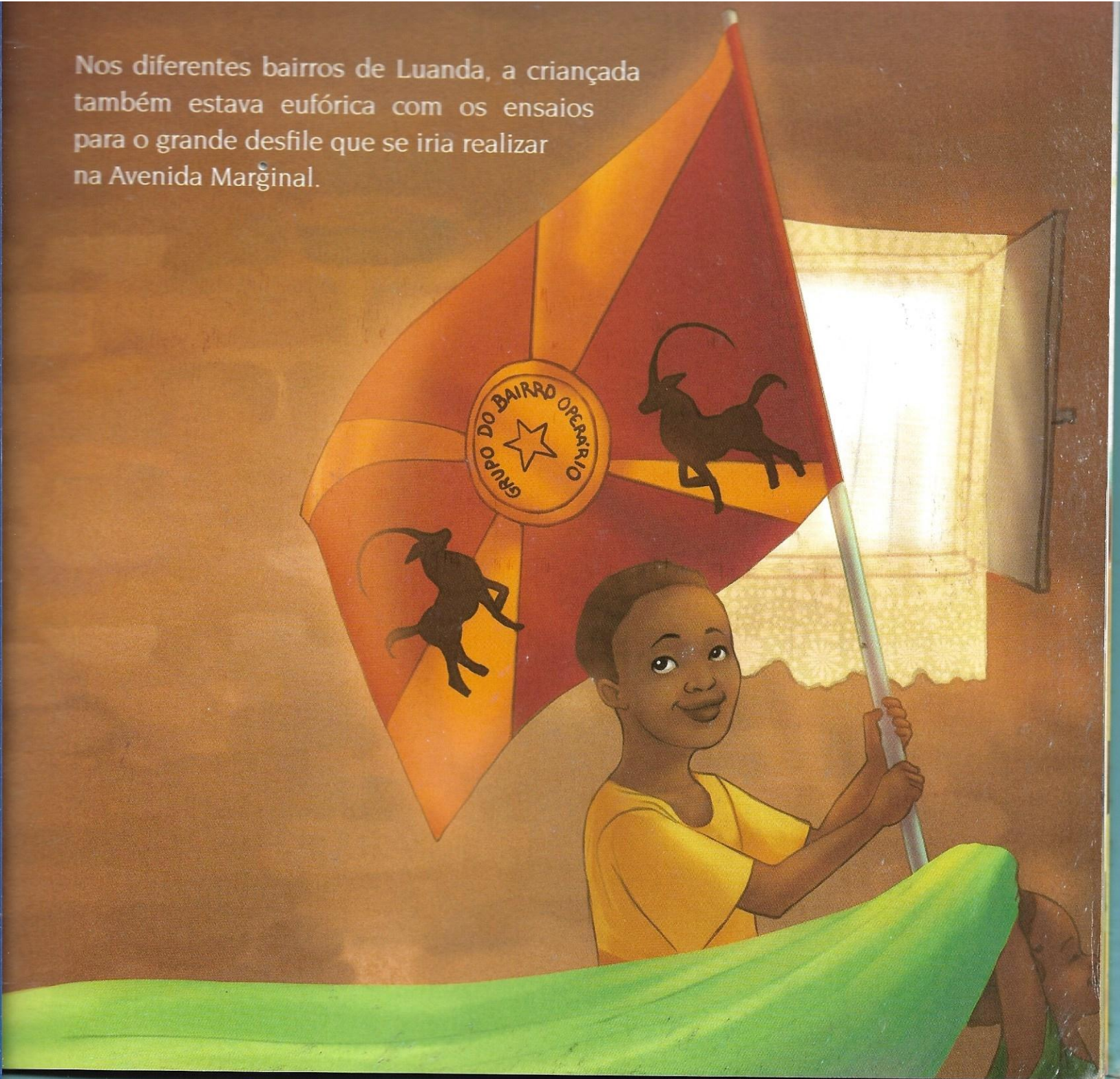
O quintal estava limpinho, até apetecia deitar no luando à sombra da frondosa mangueira, carregada de folhas verdes e troncos, tronquinhos, cheios de pequeninas mangas muito verdinhas.

No quintal também havia muitas macieiras que davam maçãs da índia. Quanto mais maduras, mais docinhas eram.

Aproximava-se o Carnaval e em casa o alvoroço era total. Reuniões para acertar detalhes com a música, roupas e adereços, a escolha do rei e da rainha do grupo, o porta-bandeira, os instrumentos musicais... Todos os fins-de-semana, o tio Jacinto ensaiava o grupo pois já se aproximava a data da maior festa popular da cidade de Luanda, o Carnaval. Iam dançar o Semba.



Nos diferentes bairros de Luanda, a criançada também estava eufórica com os ensaios para o grande desfile que se iria realizar na Avenida Marginal.



Já havia vários grupos infantis organizados, com nomes engraçados, muitos deles dados pelas próprias crianças, como por exemplo: Tetembwa ya dipanda (Estrela da Independência), Os kanucos do Chá de Caxinde, Os ndengues da Ilha, União Kazucuta do Prenda, Mini-kabocomeu do Sambizanga, e outros...

Wagiza estava cada dia mais entusiasmado, adorava assistir aos ensaios... – A plateia está a ficar completa... , diziam os mais velhos, referindo-se à miudagem do bairro, que aos poucos ia chegando para ver os ensaios.





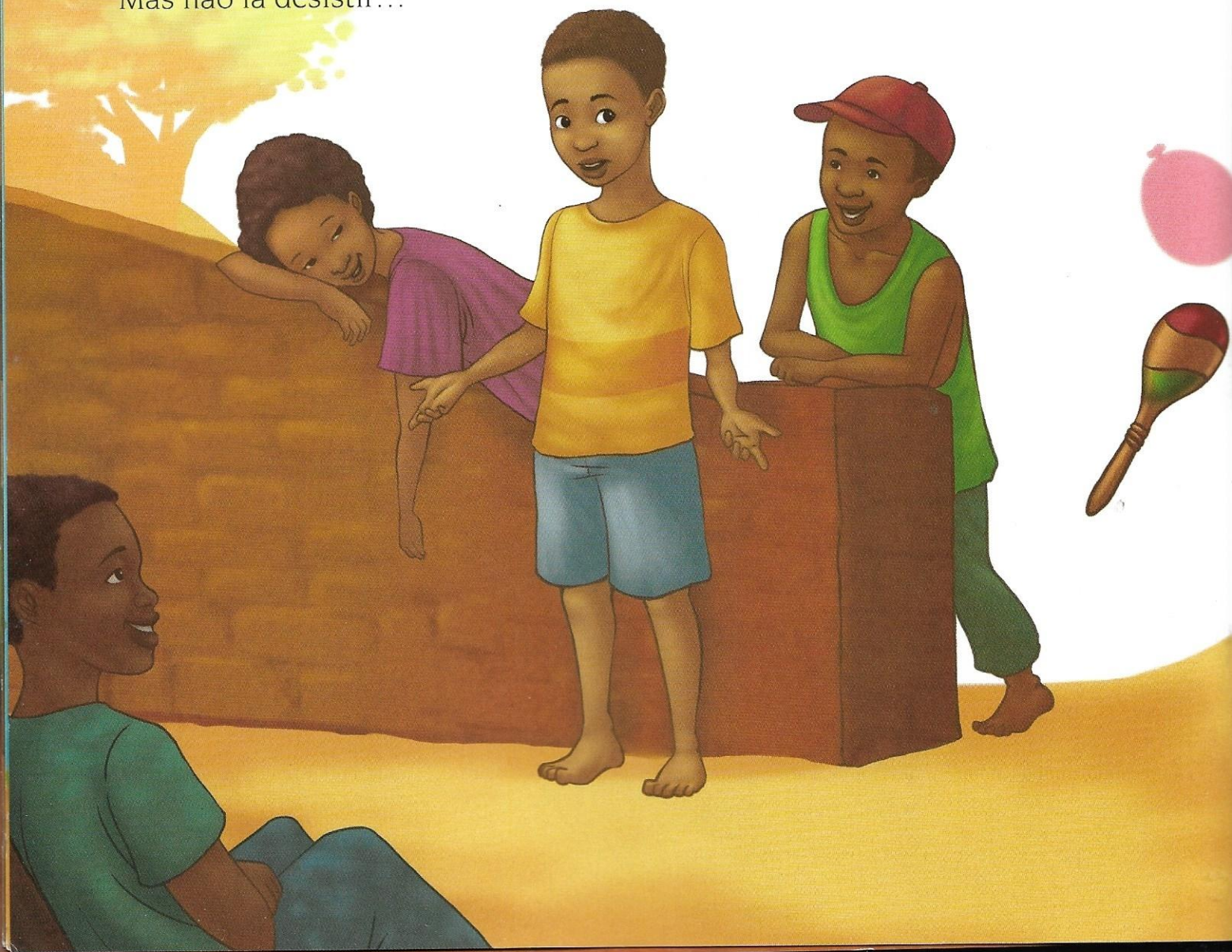
Wagiza era o mais novo. Só tinha dez anos. Era irrequieto, brincalhão, mas quando gostava de alguma coisa, perseguia o seu sonho até conseguir. Era muito persistente. Todos o admiravam por isso.

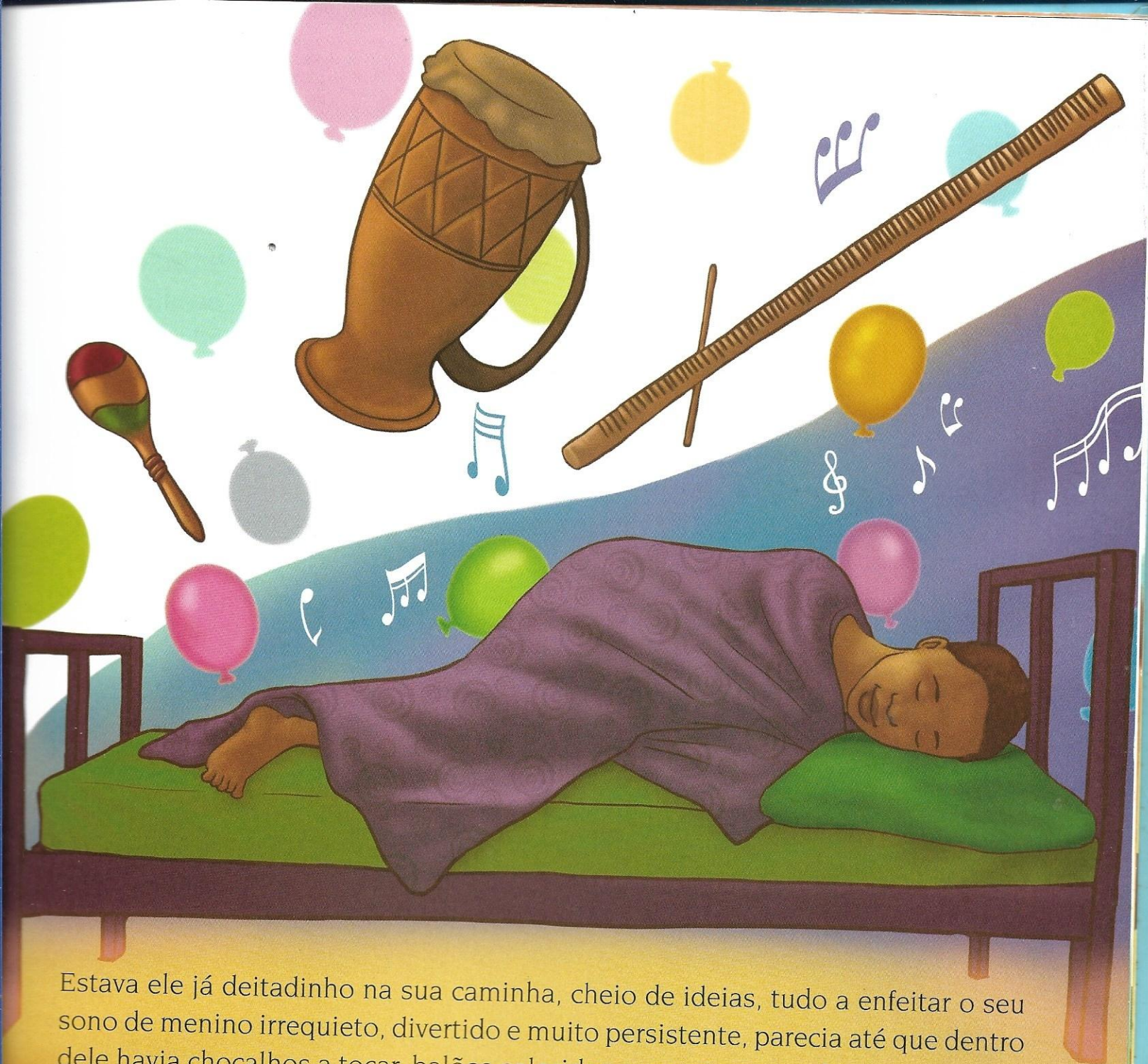
Assim que acabava de assistir aos ensaios dos mais velhos, reunia com os amigos.

– Kambas (amigos) ... temos de fazer alguma coisa. Nos bairros, todas as crianças estão a organizar-se para o desfile. E nós vamos ficar a ver o tempo passar?

– Lá está o pensador! Pensa,...pensa,... dá sugestões e consegue que os amigos as aceitem. Sabe ser líder, diziam todos em coro a querer gozar com ele.

Wagiza gostava do nome que tinha, que significa teimoso. Vários dias a tentar resolver a situação da formação do grupo e isso já se estava a tornar cansativo. Mas não ia desistir...





Estava ele já deitadinho na sua caminha, cheio de ideias, tudo a enfeitar o seu sono de menino irrequieto, divertido e muito persistente, parecia até que dentro dele havia chocalhos a tocar, balões coloridos a esvoaçar e tambores a marcar o compasso. A dikanza era o som que mais e mais embalava o sonho de Wagiza.



- Tina, estás tão linda com essa coroa de rainha!...
- E eu? Não te esqueças de elogiar o rei..., quem assim falava era Kamosso, o mais alto do grupo.

Olhando com mais atenção, o que viu Wagiza?
Era a Makiesse, a menina mais alta e esbelta
do bairro, e era também a porta-bandeira.

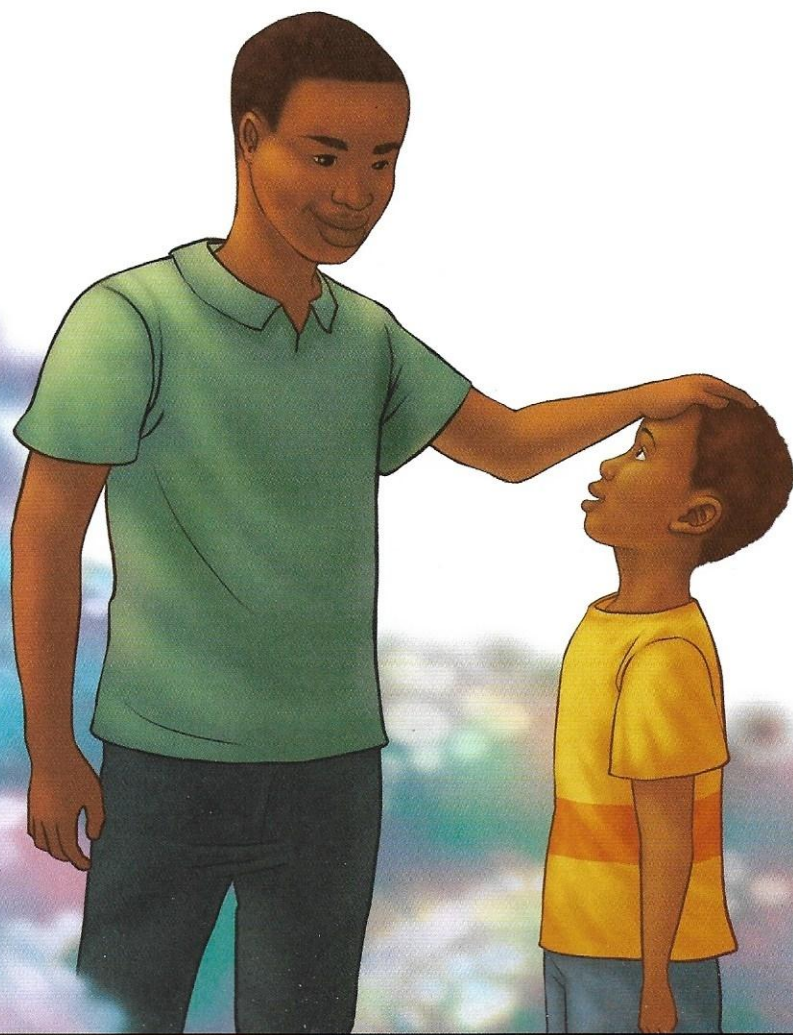
Maravilhosa, com uma bandeira grande
e nela tinha escrito o nome do grupo:
Os Kandengues do Bairro Operário.

– Tio Jacinto!... Ó tio Jacinto! Ajuda-nos
a formar o nosso grupo. Todos os bairros
já têm grupo. Nós, Os Kandengues do
Bairro Operário, também queremos
desfile no Carnaval da marginal...,
dizia desesperado Wagiza.

– Eh! Eh! Eh! Este meu sobrinho... wagiza
mwene! (teimoso mesmo!). Já basta
os mais velhos desfilarem...
agora também os kanukos?!

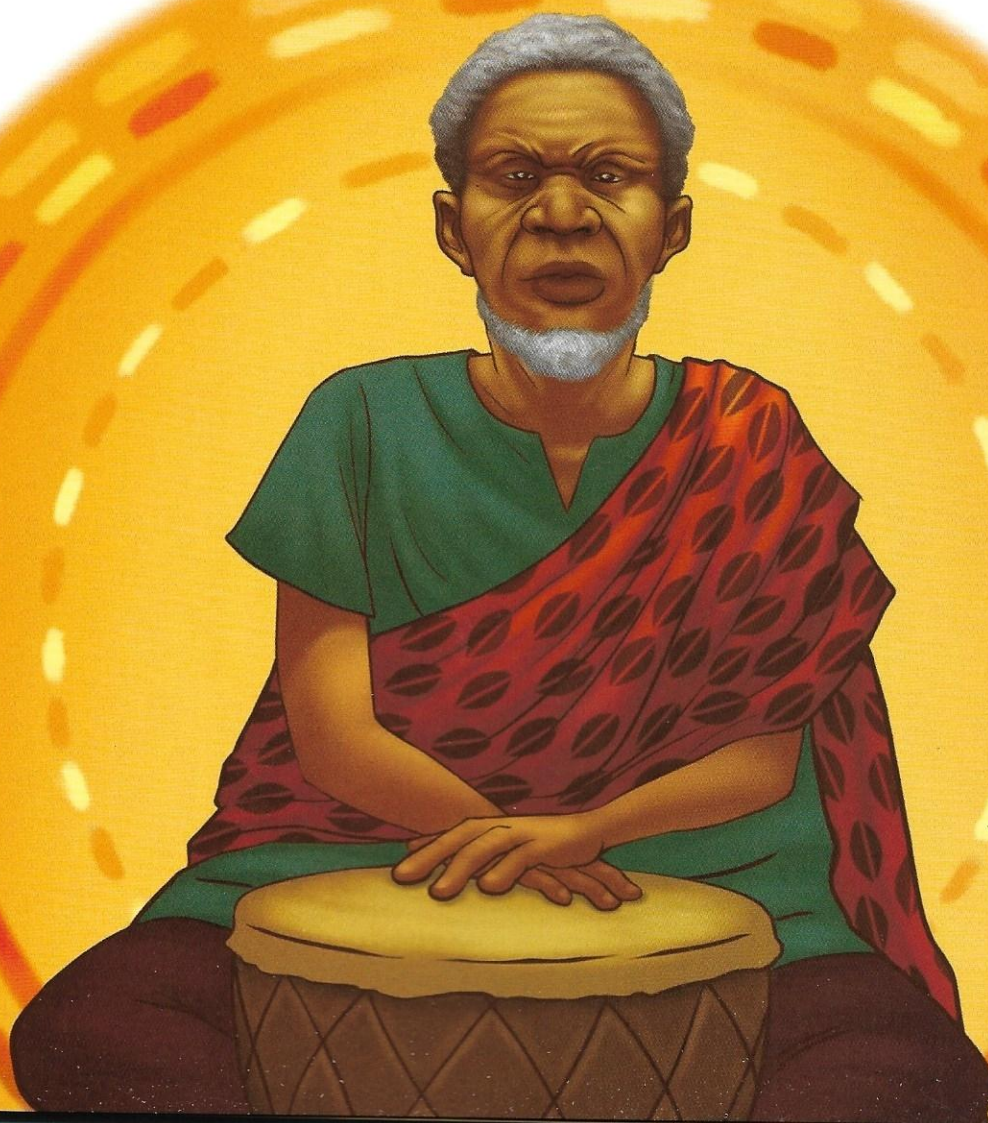


- Nós temos de mostrar que somos o futuro... Mais tarde, um dia, quem sabe, com a continuação dos nossos ensaios, não vamos ser nós a substituir os cotas? Costumo ouvir falar do Ngola Ritmos, um grupo de pessoas famosas que fizeram a nossa música ser o que é hoje.
- Afinal, meu sobrinho, estás sempre muito atento e vais aprendendo muitas coisas sobre a nossa cultura.
- Como vês, tio, o nosso grupo tem de desfilar, mostrar que no Bairro Operário também há kanukos espertos...



Ao longe, muito ao longe, foram ouvindo o som de um tambor. Olharam,... esbugalharam os olhos e viram um soba muito velho, que lhes disse:

– Eu sou Alfredo e fui, há muitos anos, o soba deste bairro. Pensam que estão sozinhos? Qual a árvore que não tem raiz? Sou velho, muito velho mesmo, os meus anos já não contam, mas a minha vida de há muitos anos está ligada à vossa.



– A nossa cultura tem de ser ensinada aos mais novos, nossos continuadores. Para quê tanta conversa? - Tocou com mais força no tambor e disse com uma voz de arrepiar:

– Vão desfilar, sim, no Carnaval e ainda vão ganhar o primeiro prémio. Mas têm de trabalhar muito, escolher bem a canção e não vai ser *playback*, será cantar mesmo e tocar bem os instrumentos. Alguém vai aparecer para vos ensinar uma canção alegre e divertida...

Wagiza estava espantado, pois o cota, mais e mais do que cota, estava a dizer palavras modernas... Estava ainda mais admirado com tudo o que se estava a passar... não contava com esta aparição. Olhou para o tio e disse:



– Tio, não faz essa cara... É preciso ficar zangado? Eu também não estou a entender nada...

– Não estou zangado! Estou é assustado!... Nos missossos (histórias no njango) os nossos avós falavam do soba da região...

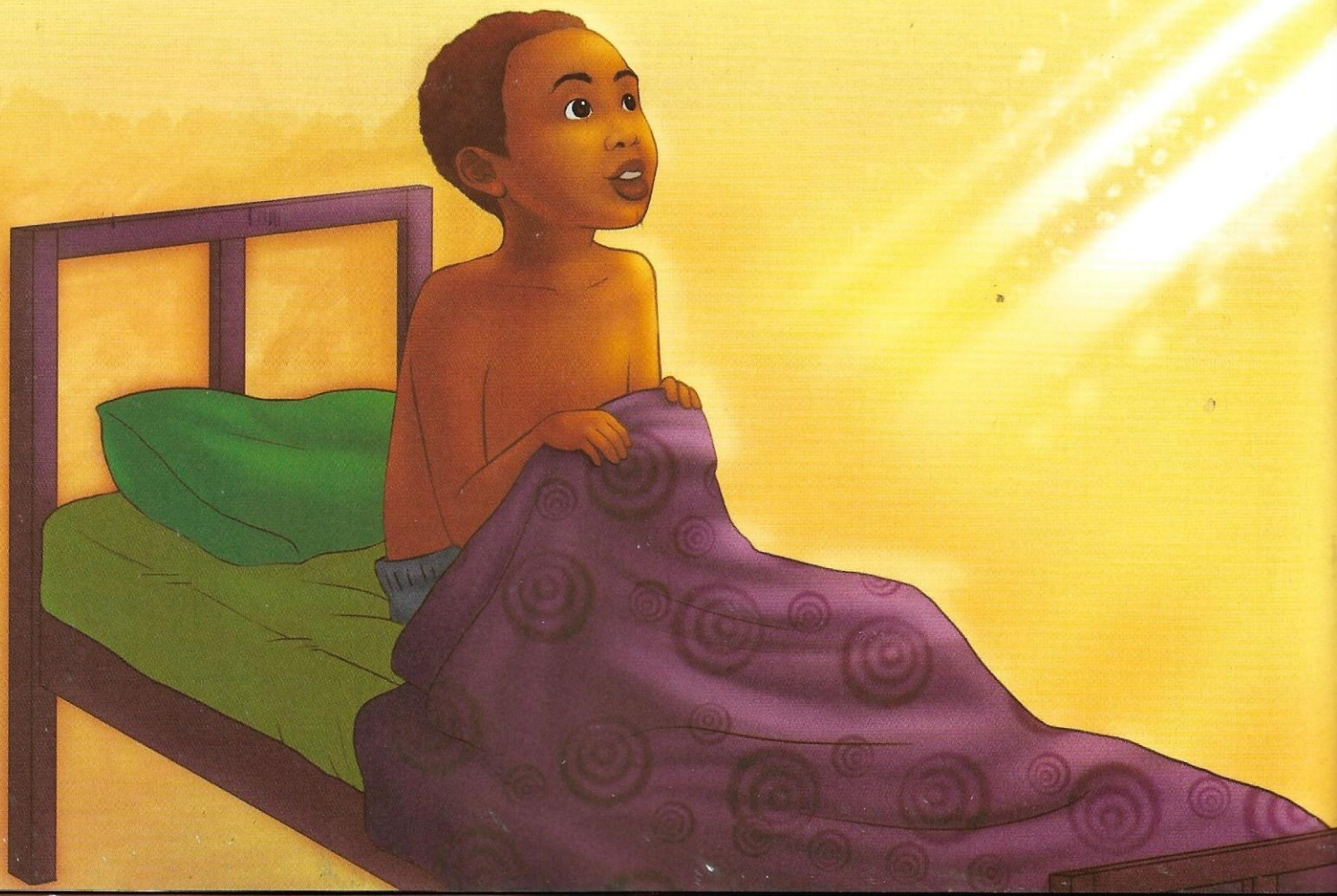


Wagiza estava admirado e maravilhado ao mesmo tempo. Era sonho? Era realidade? Ou era um pesadelo?

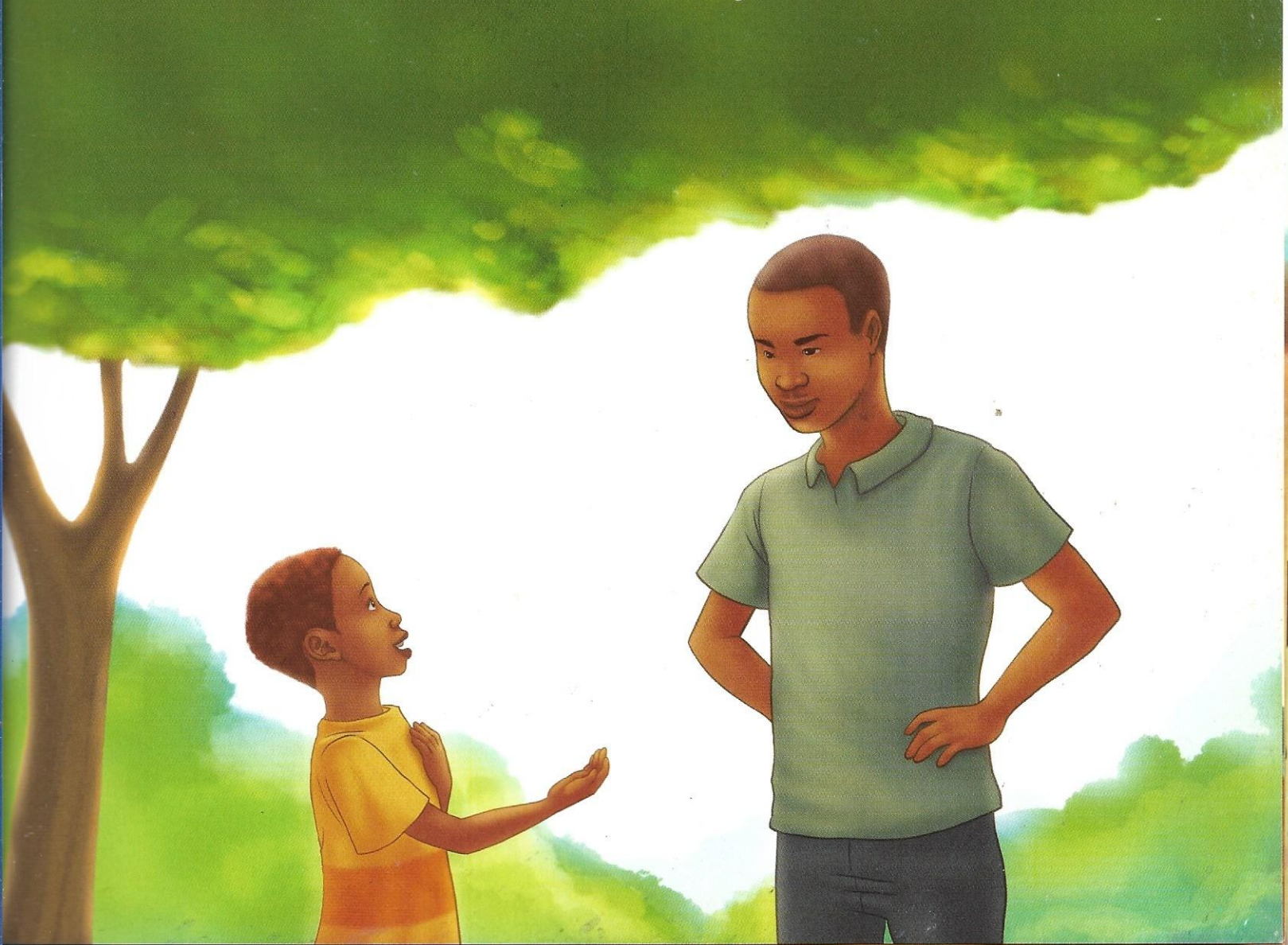
Wagiza saltou da cama, esfregou os olhos, olhou para todos os lados... Tinha tido um sonho, ou o seu tio estava ali, a seu lado?

Ainda estremunhado, saiu do quarto e correu para o quintal onde se faziam os ensaios. Tio Jacinto olhou para ele com cara de poucos amigos.

– Tio, desculpa, eu estava mesmo a dormir, mas o tio começou a falar comigo... Era só um sonho, ou um pesadelo... nem sei.



- Qual sonho, qual pesadelo!... O nome está muito bem dado: Wagiza, o teimoso...
- Não estou a mentir, sonhei, sonhei muito... mas parecia tudo verdade.
- Sossega!... Amanhã reúne os teus amigos e vamos fazer as inscrições. Tudo tem de ser muito bem organizado.
- Mas, ó Wagiza, tanta conversa, tantas ideias, mas, afinal, o que é que vão dançar? Kuduro, Kabetula, Kazucuta ou Semba?
- Tio, nós somos os continuadores... Vocês dançam Semba, nós também.



– Então, temos de fazer uma lista com o nome de todos, pois ninguém pode faltar aos ensaios, acrescentou o tio.

– E não só – continuou Wagiza – temos de escolher os músicos, os instrumentos, o porta-bandeira, o rei, a rainha, tudo o que faz parte do grupo...

Tio Jacinto olhava para o sobrinho, espantado. Os miúdos de agora já nascem ensinados...

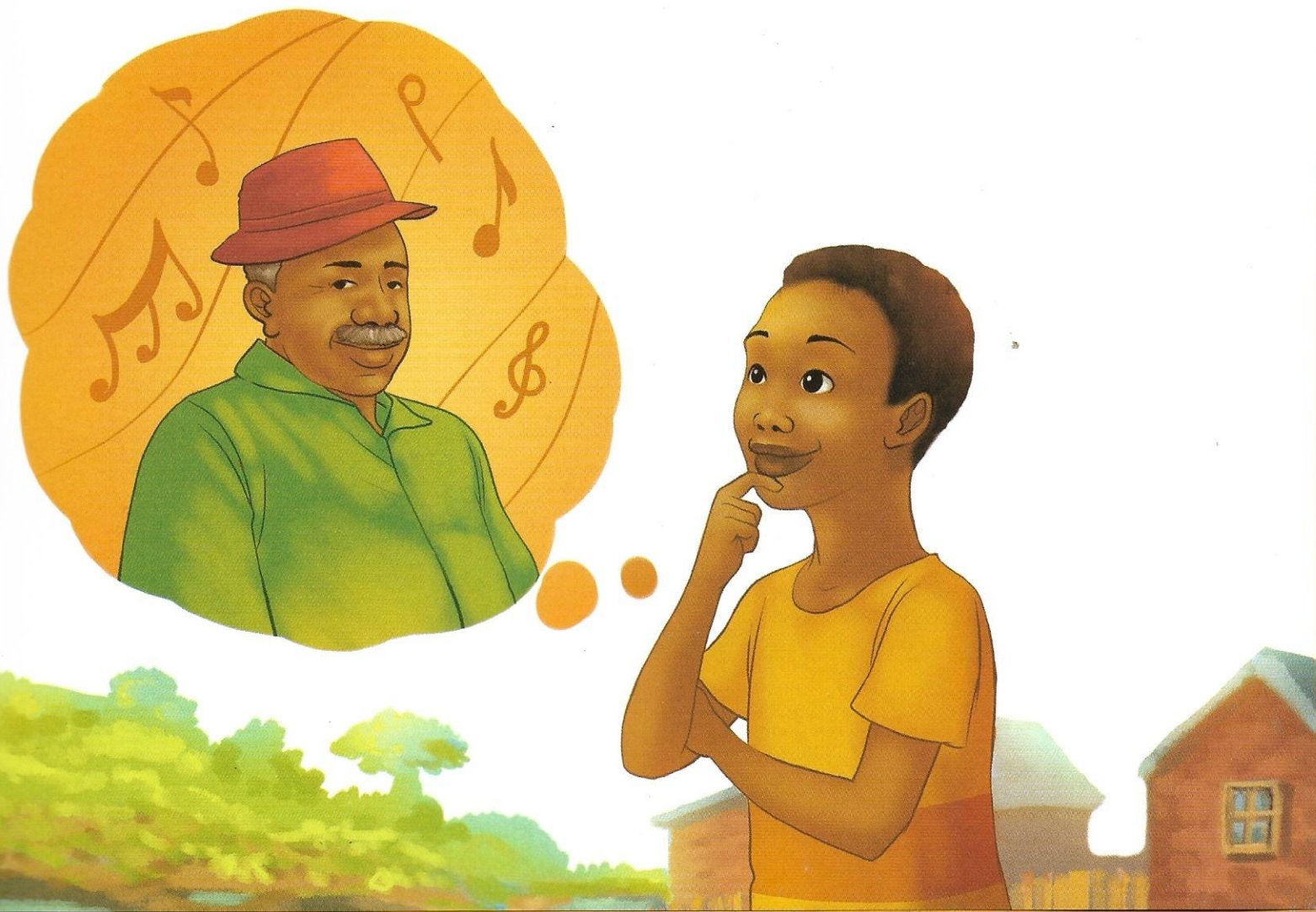


Abertas as inscrições para a formação do grupo, rapidamente ficou completo. Wagiza continuava preocupado pois precisavam de alguém para escrever a letra da canção, bem como a música.

– Tem de ser alguém que conheça bem o bairro e que seja músico..., dizia para si mesmo.

Pronto! E uma luzinha acendeu na sua cabecinha pensadora: – Que tal falarmos com o tio Dionísio, amigo das crianças do bairro, que às vezes até faz actividades culturais connosco?

E assim foi. Tio Dionísio, além de aceitar prontamente, ainda se disponibilizou para seleccionar as melhores e mais afinadas vozes.



O melhor par cantava e todos faziam coro. Kamosso era o rei do grupo e Tina, a rainha.

Numa amena tarde de um sábado calmo, em que a cidade descansava do movimento frenético dos candongueiros (táxis), carros, motas e peões, estava calmamente o grupo a ensaiar.

Além das macieiras, no espaço havia também uma acácia, onde os passarinhos faziam os seus ninhos. Tudo se confundia... o canto dos pássaros, o som dos instrumentos musicais e as vozes dos intérpretes do conjunto.





Tio Jacinto pôs-se a apreciar o ensaio. Estava muito contente pois o grupo cumpria as regras estabelecidas. Wagiza, esperto como era, fazia tudo para não decepcionar o tio.

Todas as pessoas do bairro ficaram entusiasmadas, e principalmente as mães, vovós e tias prontificaram-se a costurar as roupas para o desfile.

Na zunga do dia-a-dia, as mães zungueiras, do que sobrava ainda levavam alguma coisa para os kanukos comerem. Eram apenas miminhos, não mais do que miminhos...

Ngaxi, a pessoa mais conhecida do bairro, sabia tantas canções antigas, mas a que mais entusiasmou o grupo foi uma bonita música, bem ritmada, do Ngola Ritmos, que o tio Dionísio, cheio de paciência, ensinou.

Faltava mesmo era organizar a falange de apoio, que era a grande demonstração dos moradores de que o seu grupo, Os Kandengues do Bairro Operário, estava preparado para desfilar com muita beleza e mostrar como os kandengues também sabem defender a nossa cultura nacional.



Chegou o grande dia... Na marginal estava tudo colorido. Havia várias bancadas, mas a maior parte das pessoas emoldurava a avenida, que estava apinhada de gente de todas as idades. Num espaço próprio posicionava-se o júri, que atentamente tinha de classificar os grupos. Os Kandengues do Bairro Operário era o segundo grupo a desfilar. Quando o apito soou, ouviram-se as seguintes palavras: – Vamos agora apreciar o grupo Os Kandengues do Bairro Operário. Alegres e descontraídos surgiram os kanukos mais felizes do mundo, pois estavam a concretizar o seu grande sonho. Nada podia falhar...



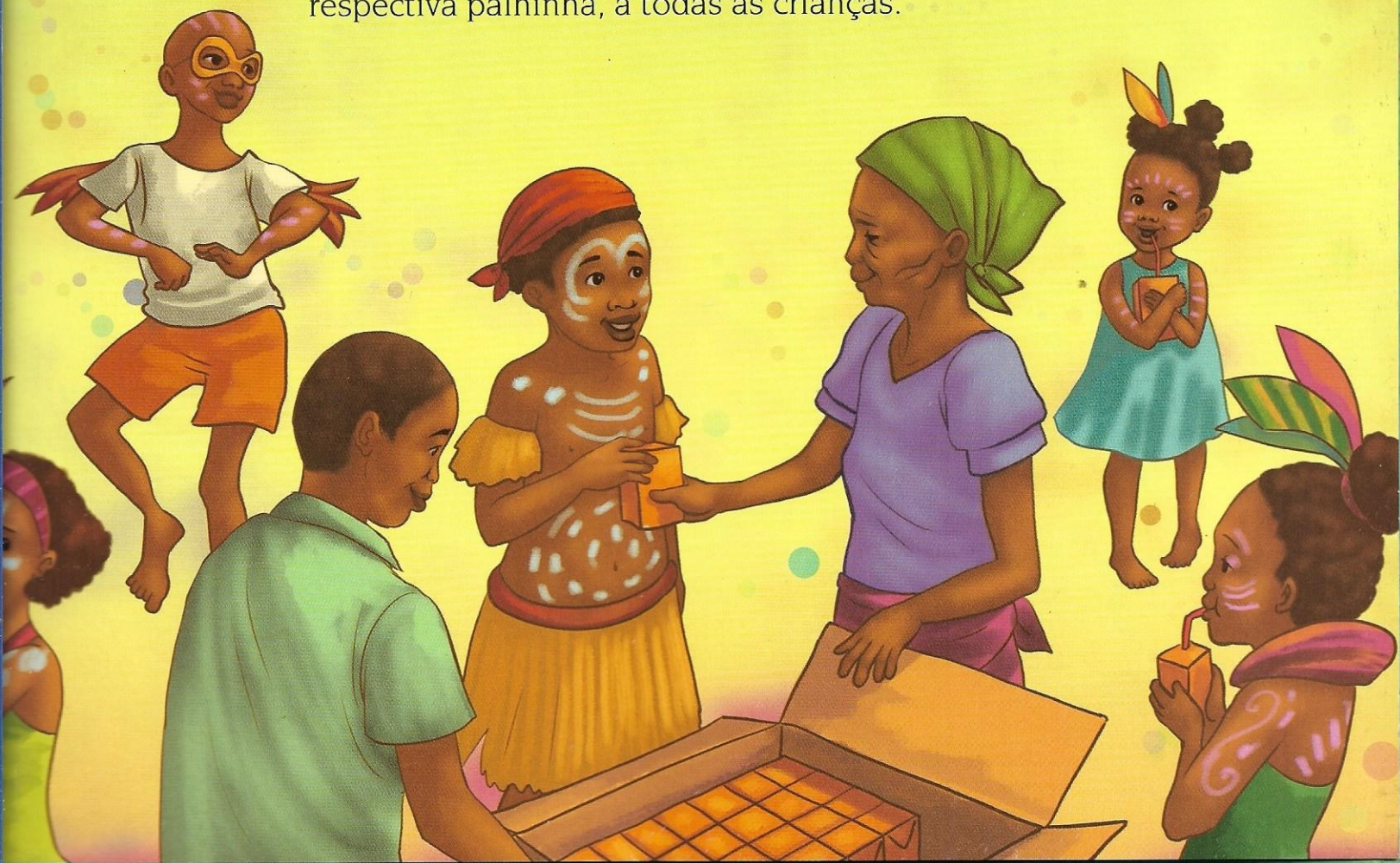


Palmas e mais palmas, era o que se ouvia e os kandengues sentiam que algo diferente se estava a passar... Wagiza sentia alguma coisa especial, parecia que o grande soba Alfredo também estava a acompanhar o desfile. Foi um desfile de sonho e magia... Jamais seria esquecido.

Foram desfilando sempre pelos bairros da cidade, receberam muitos aplausos...

Quando chegaram ao bairro, a porta-bandeira realizou uma coreografia que a todos espantou, os tambores tocaram mais alto e a avó Faustina e todas as cotas do bairro dançaram também o Semba com muita alegria e animação.

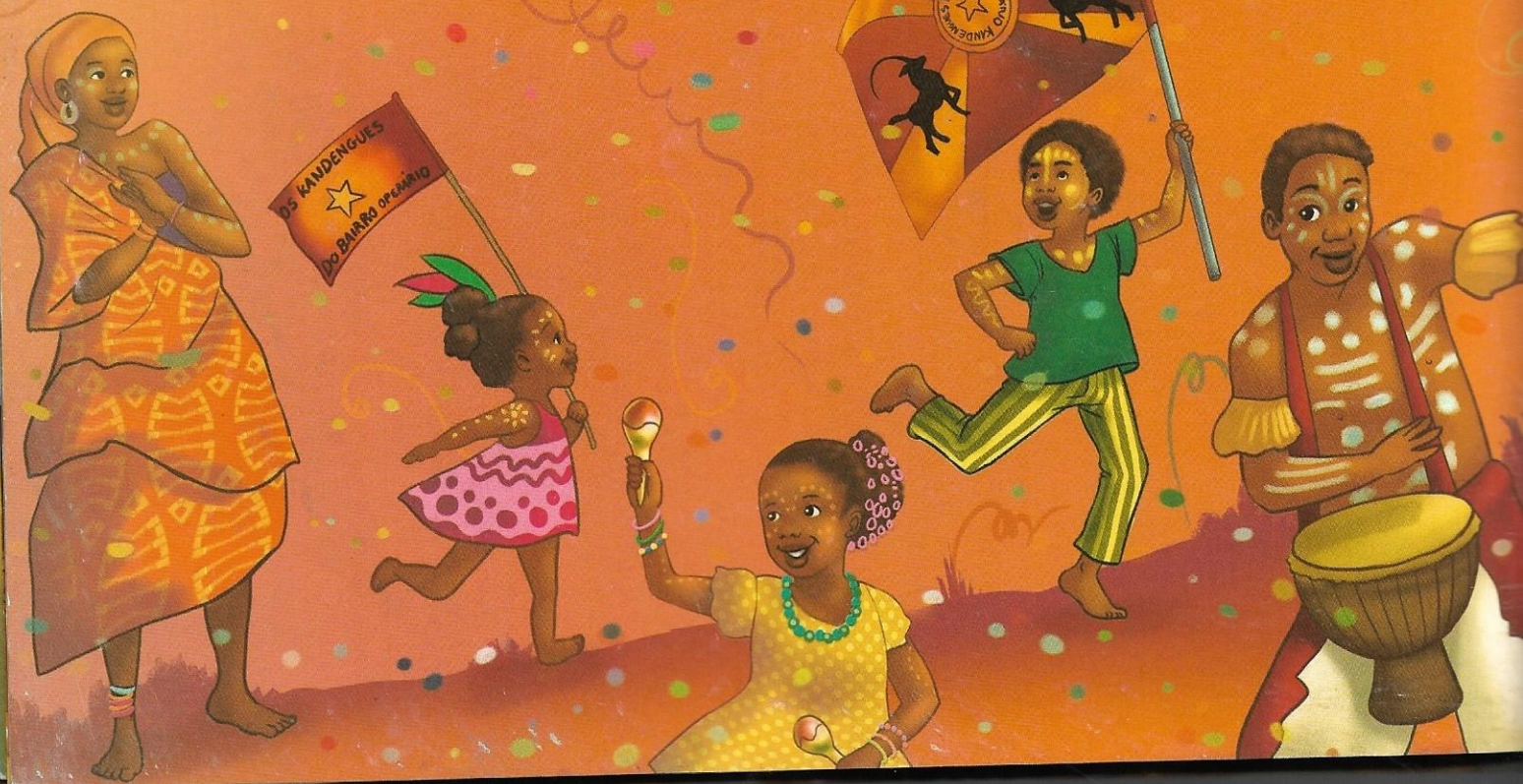
Os Kandengues do Bairro Operário eram as crianças mais felizes do mundo! Todo o bairro comemorou e brindou com a Kissângua da avó Faustina, finalmente transformada em verdadeira empresária. Tantos anos a fabricar a bebida com tanto sucesso, que os comerciantes do bairro organizaram tudo e a bebida foi oferecida e distribuída em pacotinhos com a respectiva palhinha, a todas as crianças.

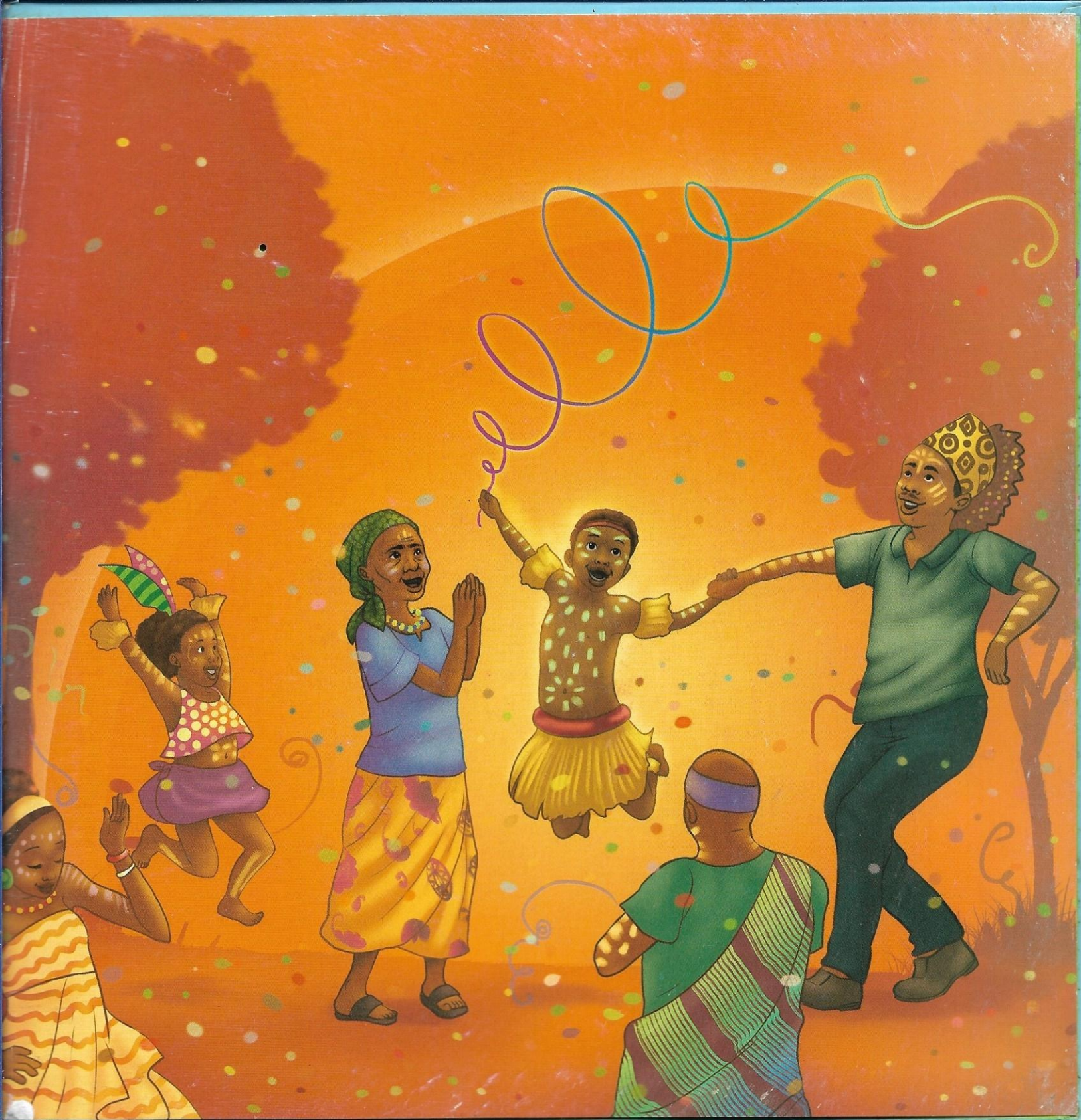


Wagiza e os amigos quiseram prestar homenagem a todos os que os ajudaram a organizar o grupo e apresentaram, uma vez mais, no quintal, a sua dança. Serpentinhas, confetes, papéis brilhantes,... tudo envolvendo os foliões na inesquecível farra de Carnaval.

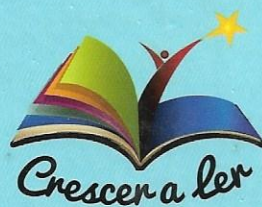
Por fim, e sempre ansiosos, receberam a grande notícia: – Atenção!... Atenção!... Os Kandengues do Bairro Operário foram os grandes vencedores do Carnaval.

Os kanukos estavam muito, muito felizes. Eles próprios, com as suas ideias, resolveram homenagear os que acreditaram no seu sonho e prepararam uma festa em que todos participaram.

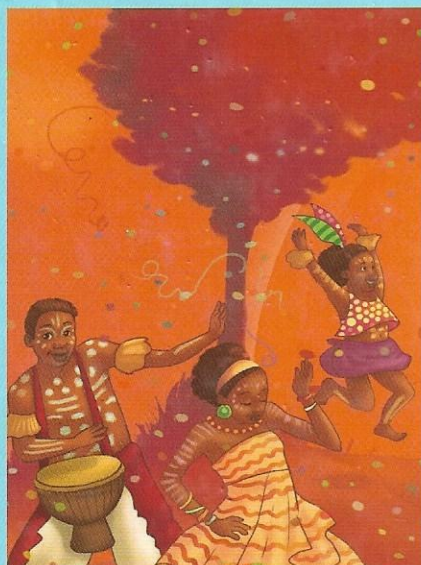








Pequenas estórias que ajudam a crescer



 www.leya.co.ao	 Texto Editores E-mail: info@textoeditores.ao	978-980-47-1791-8  www.leyaonline.com
--	---	--

